

ULTIMAS NOT

EM ESPANHA

A ABERTURA DAS CONSTITUENTES

Um grande dia de festa popular em Madrid

(Do nosso enviado especial).

MADRID, 14.—Como em 15 de Abril, Madrid está em festa para celebrar a reunião das Constituintes. As ruas estão cheias de povo e as janelas embandeiradas com colgaduras multicores. Não é dia de feriado oficial, mas é dia de festa popular, dia solene da história, em que a Espanha consagra a sua emancipação. A's 18 horas, mal se pode transitar nos passeios, enquanto lá fora na praça das Côrtes se aglomera a multidão.

Começam a chegar os representantes do povo, alguns deles velhos como Sanchez Guerra, Unamuno e Santiago Alba; outros novos, como Marañon e Ramon Franco, este em pé no automovel, apoiado a muletas, por virtude do seu recente desastre.

Meia hora depois, abertas as tribunas, o publico precipita-se para dentro do edificio. A pequena sala das sessões, mais pequena do que a nossa sala da Camara dos Deputados, anima-se. Nesta casa açanhada vai viver-se uma grande hora da historia. Desapareceram alguns dos ornatos e figuras que lembravam a existencia da Monarquia, mas o iconoclastismo revolucionario respeitou varios nomes gravados em bronze nas paredes, como Dato, Canalejas, Canovas e Marquês Duero, deputados ás Côrtes por Cadiz, nomes que evocam toda a historia parlamentar da Espanha, todo o esforço deste povo na conquista da liberdade. Em volta da sala vêem-se os escudos das provincias espanholas.

Começam a entrar deputados. O primeiro é o conde Rodezno, jaimista; depois, republicanos e socialistas de todas as correntes sentam-se indistintamente.

Dois jornalistas—José Dias Fernandez e Ramon Tenreiro—deixam a tribuna da Imprensa e vão tomar o seu lugar. No hemiciclo ha um grupo curioso de intellectuais, com Unamuno, Luiz Zulueta, Ortega y Gasset, Luiz Tapia, Araquistain e Marañon. Faltam, por terem sido vencidos, Azorin e Valle Inclan.

Ramon Franco, para não se fatigar muito, devido ao seu estado, toma lugar na extrema direita. Pedro Rico, gordo, anafado, tipica figura, é o ultimo a entrar. Velhos deputados do grupo Constitueionalista, como Alba e Sanchez Guerra, tomam assento no centro. Duas mulheres jovens e bonitas alindam o aspecto da sala, marcando uma nova época de reivindicações sociais: Vitoria Kent, de boina azul, na extrema direita, e Clara Campoamor, de larga cabeleira negra e ondulada, ao centro da sala. Cinco padres com seus habitos talaes, tambem eleitos deputa-

dos, afirmam a tolerancia desta Republica feita sem sangue e sem violencias.

Na extrema esquerda, Barriobero, Herran e Rodrigo Soriano recordam os velhos tempos da propaganda. São figuras que remocam.

Pouco depois das dezanove horas, nota-se grande movimento na sala e nas tribunas. Vazquez Lemos, deputado por Badajoz e o mais velho dos eleitos, sóbe á presidencia, seguido dos maceiros com espectaculosos trajes. Agita-se a campainha e declara-se o tradicional «abrese la sesion!» Entram em fila os membros do governo. Primeiro, Alcalá, seguido de Lerroux e outros sóbem a tribuna presidencial em manifestação de respeito á soberania popular, e cumprimentam a mesa. Toda a sala se levanta vibrante de entusiasmo, aclamando a Republica e a Patria. Momento culminante de emoção, em que todos os peitos fremem de alegria e muitos olhos se marejam de lagrimas.

Rodrigo Soriano dá a primeira nota oposicionista quando o silencio se restabelece, gritando: «Viva a Republica e não o governo!». Esboçam-se protestos, mas tudo se perde no meio da geral emoção. Uma multidão de fotografos invade a sala. E' Alcalá Zamora que se levanta para falar. Vai ouvi-lo a assembleia no meio de profundo silencio e vai ouvi-lo a Espanha toda, através do microfone que o orador tem na sua frente. Gesto largo, palavra academica, tocada de profunda comção, recorda o espectaculo nas ruas de Madrid em 14 e 15 de Abril, dizendo que o povo, aclamando e fortalecendo a Republica, lhe deu a maior compensação que podia esperar de todos os seus sacrificios. Afirma, por entre grandes aplausos, que a data de hoje é a data suprema da historia de Espanha. As aclamações redobram quando diz que o governo se apresenta com as mãos limpas de sangue e de ambição, com mãos limpas, mas não vazias. O seu discurso, vivo, eloquente, facil, enternece, faz vibrar por fim uma tempestade de aplausos, quando anuncia que o Exército vai desfilar diante do edificio do Parlamento para afirmar a sua submissão ao poder civil. Todos se erguem em palmas e vivas, e até Ramon Franco não resiste, apesar do seu estado de saúde, e está de pé. O presidente suspende a sessão para que os deputados assistam aos desfiles e todos saem em tumulto, juntando as suas manifestações ás que o povo faz lá fora na rua. Mas, de facto, esta primeira sessão das Constituintes finda num clamor de apoteose, que é a consagração da maior era nova. Militares e civis, unidos, sagram os novos, luminosos, destinos da Espanha e o Exército assegura o futuro da Democracia, submetendo-se ao unico poder que a vontade da nação tornou legitimo.

BELO REDONDO